

PARA REPENSAR O SINCRETISMO RELIGIOSO: PALAVRA, SIGNIFICAÇÃO E CONCEITO.

Alice Toledo Lima da SILVEIRA⁷⁶

Alexandre Ferreira da COSTA⁷⁷

Resumo: Propomos no presente artigo a discussão das noções de ‘palavra’, ‘tema’, ‘significação’ e ‘conceito’ na obra *Repensando o sincretismo*, de Sérgio Ferretti. (1995). A grande diversidade de significados que se referem ao termo sincretismo aponta que há a circulação de compreensões similares, distintas, convergentes e divergentes de um mesmo termo em uma mesma formação discursiva. Nosso intento, por meio da teoria proposta por Bakhtin (2006), Fairclough (2001) e Foucault (2008a), é o de compreender sincretismo como palavra em cada uma das fases de estudos apresentadas por Ferretti para assim determinarmos os conjuntos de enunciados que formam sincretismo como conceito.

Palavras-chave: Sincretismo. Palavra. Significação. Tema. Conceito.

Abstract: *In this article we aim to discuss the notions of ‘word’, ‘theme’, ‘meaning’ and ‘concept’ in Repensando o sincretismo, a book by Sérgio Ferretti (1995). The great diversity of meanings for syncretism suggests that there are similar understandings as well as distinct, convergent and divergent understandings of the same term in the same discursive formation. Our intention is to understand syncretism as word in each stage of the study presented by Ferretti so that we can determine the sets of statements that form syncretism as a concept, according to the theory proposed by Bakhtin (2006), Fairclough (2001) and Foucault (2008a).*

Keywords: *Syncretism. Word. Meaning. Theme. Concept.*

⁷⁶ Mestranda do programa de pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (e membro do Grupo de Estudos Críticos e Aplicados ao Discurso Religioso (NOUS). E-mail: allicesilveira@gmail.com

⁷⁷ Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Adjunto do departamento de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Fundador do Grupo de Estudos Críticos e Aplicados ao Discurso Religioso (NOUS). E-mail: alexandrecoaufg@gmail.com

Introdução

Mikhail Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), apresenta o problema da significação como um dos mais difíceis de resolução dos estudos linguísticos. Aponta que só é possível realizar uma análise superficial da questão devido às limitações teóricas nas quais esta problemática está inserida. No entanto, ao apresentar, definir, diferenciar e mostrar a inter-relação entre tema e significação, o entendimento do conceito de enunciação bakhtiniano torna-se mais claro, bem como a discussão sobre a polissemia das palavras eleva-se a outro nível que não o da variedade de significados dicionarizados de um mesmo termo.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência, como signo neutro que pode preencher-se de qualquer função ideológica em qualquer domínio. Entretanto, para que a palavra adquira sentido e exerça a sua função ideológica, é necessário que tanto o tema como a significação da enunciação sejam focos privilegiados dessa intenção teórica. Como diria Bakhtin, é “impossível designar a significação de uma palavra isolada sem fazer dela o elemento de um tema, isto é, sem construir uma enunciação, um exemplo.” (BAKHTIN, 2006, p.134).

Para refletirmos sobre essa complexa relação *palavra-tema-significação*, tomamos o termo *sincretismo* como objeto de discussão desse artigo, por encontrar-se presente em diversos domínios discursivos e em cada um destes preencher-se de funções ideológicas distintas. Temos a recorrência desse termo na filosofia, na ciência, na arte, na literatura, na antropologia, nos estudos religiosos entre outros. Sendo a palavra um signo neutro, é possível afirmar que em cada um desses domínios discursivos citados anteriormente há o material ideológico capaz de preenchê-la em uma função ideológica específica (BAKHTIN, 2006).

Os efeitos de sentido da palavra sincretismo em cada um dos seus lugares de enunciação são diferentes. Do mesmo modo, os efeitos de sentido dessa palavra no interior de um mesmo domínio discursivo são variados. No campo de estudos antropológicos sobre a religião, por exemplo, existe a possibilidade de definição de sincretismo como “máscara colonial” e como “assimilação harmônica de elementos de culturas em contato”. Como podemos ver, são duas definições correntes e divergentes de um mesmo fenômeno em um mesmo domínio discursivo.

Compreendemos, assim, que a articulação das noções de *tema*, *significação* e *palavra* é um ponto de partida para recuperarmos a relativa estabilização de sincretismo como *conceito* (FOUCAULT, 2008) na obra *Repensando o sincretismo*, de Sérgio Ferretti, um estudo caro ao

domínio discursivo⁷⁸ antropológico. A partir do que o filósofo francês propõe por “formação de conceitos”, buscamos descrever o campo de enunciados em que estão localizados os chamados “campo de presença”, “campo de concomitância” e “campo de memória” nas cadeias de enunciados pertencentes ao discurso antropológico da religião. Identificar as relações entre essas cadeias de enunciados possibilita reconhecer que não há estabilidade total na formação de conceitos. Não há conceitos fixos, bem como não há enunciados fixos que os estabilizem totalmente em uma formação discursiva específica. Observar a instabilidade na formação de conceitos é reconhecer os fatores que os atravessam e possibilitam caracterizá-los como conceitos em transformação (FOUCAULT, 2008).

Há uma grande diversidade de conjuntos de enunciados que corroboram para os vários efeitos de sentido de *sincretismo*. Sendo assim, não há como pensar na formação de conceitos sem reconhecer as formações ideológicas que perpassam os conjuntos de enunciados que os constituem a partir de regras que dispõem os enunciados em série, esquemas de dependências, de ordem e de sucessões “em que se distribuem os elementos recorrentes que podem valer como conceitos” (FOUCAULT, 2006, p.63). Portanto, pensar em sincretismo como um conceito gerado também a partir das formações ideológicas presentes nos conjuntos de enunciados que possibilitam sua existência, é pensar também, e primeiramente, em sincretismo como palavra, uma vez que “é, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica” (BAKHTIN, 2006, p.37).

Para realizarmos o nosso intento, optamos por tomar como base das discussões a obra *Repensando o sincretismo* (1995), de Sérgio Ferretti. O autor realiza uma revisão da literatura publicada sobre o assunto até a data de publicação de seu livro, incitando discussões sobre identidade étnica e o termo sincretismo religioso, os usos e sentidos deste termo e a metodologia de pesquisa desenvolvida até então para a abordagem do sincretismo como fenômeno social. Realiza também, em um segundo momento da obra, uma análise histórica e estrutural dos rituais encontrados na Casa das Minas, a fim de compreender esta vivência religiosa como sincrética, definição contrária ao que foi proposto por diversos estudiosos do assunto.

Ferretti (1995) aponta que, apesar de ser muito encontrado na realidade e ser um fator constituidor de todas as religiões, o sincretismo religioso é visto como um tabu, algo a ser negado, ocultado tanto na descrição como na vivência de manifestações religiosas de uma maneira geral. Considera também o termo confuso, contraditório e ambíguo e aponta ainda que há a recusa em

⁷⁸Doravante aqui referido como formação discursiva, conforme conceituado de maneira similar por Michel Foucault em *A arqueologia do saber* (2008).

abordá-lo e até mesmo em mencioná-lo. A partir do percurso histórico realizado por Ferretti, são apresentadas cinco grandes fases no estudo do termo, sendo que em cada uma é atribuído a este um sentido diferente. O que na primeira fase era visto como um processo harmônico entre elementos de religiões diversas é entendido posteriormente como um processo de dominação ideológica, como apagamento da religião dominante até chegar ao que era defendido até a publicação da obra como um sistema de variantes encontrado em todas as religiões do mundo.

Ao longo de um percurso histórico que se inicia nos anos 1930 e chega até meados da década de 1990, buscamos compreender o sincretismo como *palavra* e como *conceito*, almejando estabelecer uma relação dialógica entre ambas as análises. Acreditamos que compreender sincretismo como palavra em cada uma das fases de estudos apresentadas por Ferretti é o caminho para a determinação dos conjuntos de enunciados que formam sincretismo como conceito; se a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, lugar primeiro de observação do material ideológico de cada formação discursiva, é a partir dos sentidos gerados por ela que obteremos os possíveis grupos de enunciados que formam o conceito *sincretismo* em cada uma das fases de estudos analisadas.

Temos, então, o que Bakhtin define como *compreensão ativa*. Como nos diz o autor em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006, p.137), “A compreensão é uma forma de *diálogo*; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*”. Encontrar as cadeias de enunciados que possibilitam o entendimento de *sincretismo* como *palavra* e como *conceito* é reconhecer que a enunciação é transferida nas nossas mentes para um outro contexto ativo e responsivo (BAKHTIN, 2006), do mesmo modo que os conceitos estão em permanente transformação, configurados por elementos mutáveis, retomando, refutando, estabelecendo relações de continuidade e descontinuidade entre os enunciados que os atravessam.

Breve revisão sobre *palavra, tema, significação e conceito*.

Ao nos depararmos com a obra *Repensando o sincretismo*, de Sérgio Ferretti (1995), encontramos a preocupação do autor em entender a palavra sincretismo para além da simples conferência dos seus inúmeros significados dicionarizados. Diversos estudos fora do campo da linguagem recorrem à etimologia em busca de uma origem e um sentido “verdadeiros” que possam definir conceitos para a compreensão de uma sociedade, de um acontecimento ou de uma instituição. Sérgio Ferretti, por sua vez, percorre um caminho distinto. Por entender o sincretismo religioso como

fenômeno inerente a todas as manifestações religiosas, busca compreender como os sentidos para sincretismo por vezes variam e por vezes permanecem os mesmos ao longo do tempo. Reconhece que, ao contrário de outras terminologias mais cristalizadas, há a constante necessidade por parte dos estudos antropológicos e sociológicos de definir o que é o sincretismo para entender as transformações no campo das religiosidades afro-brasileiras.

Ao apresentar os usos e sentidos de sincretismo, o antropólogo maranhense situa primeiramente os momentos sócio-históricos em que o conceito foi abordado, colocando em voga as teorias dos mais diversos campos de saber que embasavam as definições em cada época. Reconhecemos o trabalho de Ferretti bastante similar ao que a Análise do Discurso propõe como um dos seus empreendimentos. Michel Foucault nos diz que “a análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação.” (2008b, p.70). Ferretti realiza discussões bastante pertinentes sobre sincretismo religioso como conceito a partir dos discursos que circulam na formação discursiva na qual está inscrito. Nosso intento neste artigo é apropriar-nos dessas discussões e trazê-las para uma abordagem discursiva, na qual o material linguístico é a base primordial de análise.

Tendo isso em vista, cabe a nós aprofundarmos o complexo temático e referencial que encontra na palavra o fenômeno ideológico por excelência e, portanto, o modo mais puro e sensível de relação social. Sabemos que a palavra é considerada como o signo neutro, que se preenche de qualquer função ideológica em qualquer formação discursiva. Podemos dizer ainda que “se um complexo sonoro qualquer comportasse uma única significação inerte e imutável, então esse complexo não seria uma palavra, não seria um signo, mas apenas um sinal” (BAKHTIN, 2006, p.135). Se a palavra é capaz de preencher-se de funções ideológicas em quaisquer que sejam as formações discursivas em que circula ou, mais especificamente, na irrepetibilidade de uma enunciação, não há como nos abstermos da multiplicidade de significações que uma mesma palavra pode adquirir, já que é justamente esta multiplicidade que caracteriza a palavra como tal.

Ater-nos somente à análise das significações de uma palavra é restringir a investigação da palavra ao sistema da língua, à investigação da palavra dicionarizada. (BAKHTIN, 2006). O nosso interesse é o de realizar a investigação da significação contextual da palavra sincretismo nas condições de uma enunciação concreta. Isso significa que é necessário, portanto, tratarmos da relação tema-significação, uma vez que

Não há tema sem significação, e vice-versa. Além disso, é impossível designar a significação de uma palavra isolada (por exemplo, no processo de ensinar uma língua estrangeira) sem fazer dela o elemento de um tema, isto é, sem construir uma enunciação, um “exemplo”. Por outro lado, o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia seu elo com que precede e o que segue, ou seja, ele perderia, em suma, o seu sentido (idem,p.134).

Temos, portanto, que não há como compreender a relação *palavra-tema-significação* separadamente quando nos propomos a analisar as diversas possibilidades de sentido em uma enunciação concreta.

Ousamos aqui realizar uma discussão na qual a formação de conceitos como uma categoria arqueológica (COSTA, 2011) presente em Foucault (2008a) dialoga com a relação *palavra-tema-significação* de Bakhtin (2006). Conforme dissemos anteriormente, a palavra sincretismo possui inúmeras significações. Quando proposta por Ferretti como conceito definidor e constituinte de fenômenos, isso quer dizer que este conceito inevitavelmente abrange cadeias de enunciados para dar conta dessa tarefa. São as relações entre as cadeias enunciativas pertencentes ao discurso antropológico e aos seus campos associados em cada momento sócio-histórico apresentado por Ferretti que possibilitam a multiplicidade de significações, convergentes e divergentes de uma mesma palavra. Deste modo, temos a formação do conceito sincretismo a partir da disposição de séries enunciativas, correlação de enunciados, esquemas retóricos, retomada de enunciados e o estabelecimento de relações de continuidade e descontinuidade entre os enunciados que o atravessa (FOUCAULT, 2008a). Podemos dizer que

Esses esquemas permitem descrever não as leis de construção interna dos conceitos, não sua gênese progressiva e individual no espírito de um homem, mas sua dispersão anônima através de textos, livros e obras; dispersão que caracteriza um tipo de discurso e que define, entre os conceitos, formas de dedução, de derivação, de coerência e também de incompatibilidade, de entrecruzamento, de substituição, de exclusão, de alteração recíproca, de deslocamento etc. (idem, p.66).

Sendo assim, encontrar as regularidades nas significações de sincretismo em cada fase de seus estudos apresentada por Ferretti é o caminho para a determinação dos conjuntos de enunciados que formam sincretismo como conceito. Sendo a palavra o fenômeno ideológico por excelência, lugar primeiro de observação do material ideológico de cada formação discursiva, é a partir dos diversos efeitos de sentido gerados por ela que depreenderemos as cadeias enunciativas que formam o conceito sincretismo em cada uma dos momentos sócio-históricos em que houve a necessidade de investigação e definição do termo.

As cinco fases dos estudos sobre o sincretismo e suas múltiplas significações.

Posto que a multiplicidade de significações é o que faz da palavra uma palavra (BAKHTIN, 2006), apresentamos aqui as diversas significações de sincretismo compiladas na obra *Repensando o sincretismo* (1995), a fim de encontrarmos as regularidades do termo ao longo do período histórico que abrange desde o início dos estudos afro-brasileiros em 1930 até a década de 1990. Ferretti aponta sistematicamente cinco fases ou tendências dos estudos do sincretismo religioso, classificando-as de acordo com as correntes antropológicas e sociológicas às quais as concepções do termo estavam vinculadas.

A primeira fase data do início da década de 1930 e inscreve-se na teoria evolucionista, tendo como principal nome o médico legista, psiquiatra e antropólogo Nina Rodrigues, precursor dos estudos científicos afro-brasileiros. Rodrigues objetivava compreender as formas de conversão do negro ao catolicismo, levando em consideração a resistência no processo de conversão. Inserido em uma perspectiva evolucionista, Rodrigues concordava com as teorias de inferioridade das raças, entendendo o negro como incapaz fisicamente de compreender o monoteísmo pelo seu elevado grau de abstração. Realiza uma distinção entre os negros africanos e os negros crioulos e mestiços quanto à forma de vivência religiosa observada no Brasil. De um lado, os negros africanos não eram capazes de compreender o culto católico e realizavam a conversão por meio de uma “justaposição de exterioridades” (FERRETTI, 1995, p.42). De outro, as práticas fetichistas e a mitologia africana dos negros crioulos e mestiços encontravam-se em um processo de degeneração de sua pureza primitiva. Não há registro do termo sincretismo em seus estudos; no entanto, discorre sobre o fenômeno usando expressões equivalentes como “fusão e dualidade de crenças, justaposição de exterioridades e de ideias religiosas, associação, adaptação e equivalência de divindades, ilusão da catequese” (idem, p.41).

A segunda fase compreende a dos estudos da teoria culturalista, cujos expoentes no Brasil são Arthur Ramos e Waldemar Valente, e Melville Herskovits como o grande nome da corrente norte-americana. Arthur Ramos é considerado o divulgador e o continuador de Nina Rodrigues. Assim como seu antecessor, Ramos também era médico legista e foi o primeiro professor de antropologia da Universidade do Brasil. Afirmava em sua obra o pioneirismo de Rodrigues no estudo do mecanismo que posteriormente viria a ser denominado pelos antropólogos modernos de aculturação. Esse conceito era de muita importância na análise do que seria então compreendido como sincretismo religioso entre os negros brasileiros. Ramos foi o primeiro pesquisador brasileiro a abordar o

sincretismo pela perspectiva da teoria culturalista. Para ele, o que Nina Rodrigues considerou uma justaposição no negro e uma fusão no crioulo e no mulato são na verdade etapas no processo de aculturação, entendidas como graus de sincretismo pela maior ou menor aceitação por um grupo dos traços culturais de outro grupo (RAMOS apud FERRETTI, 1995). Há uma preocupação na obra de Ramos em ampliar o conceito de sincretismo sem que haja a confusão com outros termos que antes eram a ele atribuídos, como adaptação, acomodação e ajustamento:

Será preferível chamarmos ao resultado harmonioso, ao mosaico cultural sem conflito, com participação igual de duas ou mais culturas em contato, de *sincretismo*. Ampliamos assim o significado de um termo que já havíamos empregado com referência à cultura espiritual, especialmente religiosa. Parece-nos que o significado de sincretismo deva ser estendido a todos aqueles casos de resultados harmoniosos de contatos culturais, não só espirituais como materiais, ou todos aqueles casos que os norte-americanos chamam de adaptação. (1942, p.41-42 RAMOS apud FERRETTI 1995, p.45).

Waldemar Valente, também médico e antropólogo, compreende que sincretismo se distingue de aculturação por ser uma “intermistura de elementos culturais, uma inter fusão, uma simbiose entre componentes de culturas em contato” (FERRETTI, 1995, p.47). Para ele, o sincretismo como processo de interação cultural compreende duas fases: a primeira de acomodação, ajustamento e redução de conflitos. A segunda de assimilação, implicando modificações ou fusão, “num processo lento e inconsciente em que o tempo exerce a sua ação” (idem, p.47).

Como último grande teórico da fase culturalista de estudos do sincretismo, Ferretti apresenta as proposições de Melville Herskovits, um dos principais expoentes da corrente norte-americana. Compreendia sincretismo como reinterpretação, um processo em que antigos significados se adscrevem a novos elementos ou como valores novos que mudam a significação cultural de velhas formas (HERSKOVITS apud FERRETTI, 1995). Herskovits aponta também a necessidade de compreender que a aculturação não é etnocêntrica, e que a distinção entre culturas não deve ser realizada por meio da noção de superioridade. Afirma que tanto em contatos amistosos como em contatos hostis se processa a aculturação. Herskovits se refere ainda aos movimentos contra-aculturativos e ao abandono da busca de culturas ditas puras nos estudos sincréticos.

A terceira fase está vinculada a uma perspectiva mais sociológica do sincretismo como fenômeno, tendo como seu maior nome o sociólogo e antropólogo francês Roger Bastide. A principal contribuição de Bastide para os estudos do sincretismo é a tentativa de ultrapassar o conceito de aculturação a partir do princípio de cisão. Para o sociólogo francês, o sincretismo não corresponde à fusão de crenças ou à simbiose cultural, uma vez que o pensamento do negro acontece por meio das

participações, das analogias e das correspondências. Sendo assim, para o negro, o sincretismo não é mistura ou identificação com elementos de outra cultura: é semelhança, equivalência, analogias e não-identificações (por exemplo, entre os orixás e santos). É possível, então, a ideia de um negro ser membro do candomblé e considerar-se católico, pois ao mesmo tempo em que é católico é fetichista; “as duas coisas não são opostas, mas separadas – é a lei de analogia que age” (FERRETTI, 1995, p.57). Um exemplo do que seria o princípio de cisão é encontrar em uma casa candomblecista um altar católico e um peji africano, os quais se correspondem mas não se identificam, uma vez que realizam papéis diferentes. Juana Elbein, uma das seguidoras de Bastide, aponta para a capacidade do negro de “africanizar ou digerir” as contribuições da cultura europeia dominante para a sua própria cultura. Os cultos dos negros, então, se acomodam sem se embranquecer.

A quarta fase traz para as discussões o mito da pureza, especialmente o mito da pureza africana, tratando tanto a pureza como a mistura como construções sociais surgidas em relações de poder e prestígio (FRY apud FERRETTI, 1995). Essa investigação é influenciada pela predominância das casas de candomblé nagô-queto no Brasil, tidas como as mais “puras”, ou seja, as menos sincréticas. Aborda o processo de “dessincretização”, que consiste no afastamento do calendário litúrgico católico e a eliminação de práticas do catolicismo “umbandizado” ou “candombleizado”. O processo de “dessincretização” compreende também o processo de “africanização”, que parte do princípio de intelectualização dos sacerdotes, do acesso a uma literatura sagrada, e a reorganização do culto conforme modelos trazidos da África contemporânea (FERRETTI, 1995). O processo de dessincretização das religiões afro-brasileiras é realizado primordialmente pelos intelectuais, uma vez que são eles que possibilitam o acesso à literatura sagrada e aos modelos de cultos trazidos da África contemporânea. Nesta fase, há a preferência por analisar o processo sincrético pelas dicotomias *mistura x pureza*, *fusão x separação*. Essas dicotomias reforçam a visão de sincretismo como oposto a uma determinada situação pura anterior.

A quinta fase, que compreende a década de 1980 e a década de 1990, interessa-se por estudar o sincretismo a partir de seus elementos constituintes. Alguns pesquisadores acreditam que o conceito necessita de maior esclarecimento, rejeitando as ideias de sincretismo como máscara colonial para escapar da dominação ou de sincretismo como estratégia de resistência.

Após realizar a revisão bibliográfica sobre sincretismo e descrever quais eram os sentidos recorrentes nos momentos sócio-históricos estudados, Sérgio Ferretti apresenta um quadro com os diversos usos e sentidos dicionarizados da palavra, constatando que estes significados podem ser

aplicados a aspectos das religiões afro-brasileiras (FERRETTI, 1995, p.90). Apresentamos o quadro proposto por Ferretti a seguir:

<i>Usos e sentidos do conceito de sincretismo</i>			
junção	= união	confluência	aglutinação
		associação	simbiose mescla
fusão	= ligação	fusão social	(mistura) (junção)
mistura	= amálgama	caldeamento	hibridação
		cruzamento	(junção)
paralelismo	= semelhança	equivalência	correspondência
		lado a lado	
justaposição	= sobreposição	aproximação	contigüidade (junção)
convergência	= reunião	concentração	confluência
adaptação	= acordo	acomodação	concordância harmoniosa

Fig. 1 – Usos e sentidos do conceito de sincretismo (p.90)

É possível afirmar que Ferretti nos apresenta um sistema de dispersão de enunciados que abordam o sincretismo ao longo de um período histórico, apresentando as diversas acepções do termo, sem colocá-los numa “escala evolutiva” de melhor ou pior na compreensão de sincretismo. Na seção seguinte, descreveremos a relação que essas significações estabelecem na formação de sincretismo como conceito conforme Foucault (2008a).

Sincretismo como conceito na obra *repensando o sincretismo* (1995).

Destacamos nesta seção as relações entre as cadeias de enunciados que contribuíram para a formação do conceito de sincretismo no livro de Sérgio Ferretti. Ressaltamos que estas relações foram melhores observadas e analisadas da primeira à quarta fase de estudos sobre os fenômenos apresentadas na seção anterior. Apresentamos a proposta deste artigo de compreender a formação de sincretismo como conceito a partir da dimensão interdiscursiva: “é preciso voltar atrás para a formação discursiva e para a articulação das formações discursivas das ordens de discurso para explicar a relação contexto-texto-significado” (FOUCAULT, 2008a, p.73).

Dentro do campo de enunciados de uma dada formação discursiva, no qual são formados os conceitos, existem diversas relações em vários níveis. Foucault (2008a) cita as relações entre os enunciados de um texto particular, que compreendem as relações de sequência e dependência de enunciados, a combinação destes por meio de estruturas retóricas e as descrições, deduções e

definições que, encadeadas, formam a estrutura arquitetônica do texto. Outro nível de relação destacado pelo referido autor é o interdiscursivo, que se refere ao entrecruzamento de formações discursivas diferentes ou textos diferentes. A dimensão interdiscursiva da formação de conceitos compreende o ‘campo de concomitância’, o ‘campo de presença’ e o ‘campo de memória’.

Na primeira fase dos estudos do sincretismo, Nina Rodrigues entende sincretismo como fenômeno decorrente de uma incapacidade cognitiva do negro e não como uma forma de vivência ou de manifestação religiosa. Tanto é que realiza a distinção entre o negro africano e o negro mestiço, e em cada um encontra formas distintas da vivência religiosa católica-fetichista: enquanto o primeiro tem a experiência religiosa por meio da justaposição de exterioridades devido à má-compreensão do catolicismo, a qual lhe é inerente, as práticas fetichistas do negro mestiço encontram-se em um processo de degeneração de sua pureza primitiva.

Observamos o entrecruzamento de enunciados do discurso médico e do discurso antropológico para a caracterização do fenômeno sincrético. Foucault (2008a) denomina este entrecruzamento por campo de concomitância: enunciados que se referem a domínios de objetos diferentes e a tipos de discursos totalmente diversos, mas que atuam como premissas aceitas para um raciocínio. O discurso médico, do qual origina a teoria da inferioridade das raças, atua como instância superior a qual é preciso confrontar e submeter algumas proposições que são afirmadas, no caso as proposições provenientes da antropologia.

Já na segunda fase, a qual se inscreve na perspectiva culturalista, temos ao menos três compreensões de sincretismo. Ramos o apresenta como processo harmônico e sem conflitos entre as culturas em contato. Para Valente, há dois momentos no processo sincrético; o primeiro de intermistura de elementos de culturas em contato, o segundo de assimilação, implicando modificações ou fusões conduzidas inconscientemente pelo tempo. Para Herskovits, o sincretismo é visto como reinterpretação, um processo em que antigos significados se adscvem a novos elementos ou então valores novos mudam a significação cultural de velhas formas.

Todas essas concepções, ainda que mantenham suas diferenças, inscrevem-se no conceito de aculturação como “processo de transmissão da cultura” (HERSKOVITS, 1942, p.348). Os enunciados que circulam no campo da antropologia cultural são retomados e apropriados pela antropologia da religião para descrição de um raciocínio. A essa forma de organização do campo dos enunciados Foucault (2008a) denomina campo de presença.

A terceira fase, que compreende as contribuições de Roger Bastide, tem como principal característica o princípio de cisão: o sincretismo não é mistura ou identificação com elementos de

outra cultura: é semelhança, equivalência, analogia, não identificação (por exemplo, entre os orixás e santos). Os elementos do catolicismo e do candomblé não são opostos, mas separados. E é justamente por estarem separados que se pode compreendê-los pela analogia. Ao contrário do que se vinha dizendo até então, o processo sincrético aqui é compreendido pela separação, e não mais pela fusão.

Temos aqui um exemplo claro do que Foucault (2008a) considera como enunciados em um mesmo campo de presença: os enunciados que corroboram com a percepção de sincretismo como parte do processo de aculturação, de fusão entre duas culturas, são retomados para em seguida serem rejeitados e tomados em seu lugar. Neste caso, temos a rejeição da compreensão de sincretismo como mistura e circulação de enunciados que compreendem o sincretismo como separação entre as duas culturas e a sua relação por meio de analogias.

Na quarta fase, os estudos do sincretismo estão predominantemente voltados para a investigação das casas de candomblé, especialmente nagô-queto, no Brasil. Aqui temos um exemplo ideal de domínio de memória (FOUCAULT, 2008a): há a retomada de enunciados que não são mais utilizados para o estabelecimento de um domínio de verdade, como é o caso do mito da pureza presente em Nina Rodrigues, em um processo de continuidade e descontinuidade histórica: a pureza religiosa do negro passa por processos de dessincretização e africanização, uma vez que, já como era apontado por Rodrigues, as práticas religiosas do negro estão em franca degeneração de sua pureza primitiva. E assim como na terceira fase, é necessário rejeitar aqueles enunciados que indicam a mistura, a fusão, a justaposição de elementos católicos para tratar das práticas candomblecistas a partir de conceitos opostos: mistura *versus* pureza, heterogeneidade *versus* homogeneidade, embranquecimento *versus* empregamento.

Temos então enunciados que se inscrevem em um campo de presença, os quais são retomados em um discurso a título de verdade admitida, passando pela separação e rejeição daqueles que eram analisados como errôneos (*idem*).

Para Ferretti,

O sincretismo ocorre na religião, na filosofia, na ciência, na arte, e pode ser de tipos muito diversificados. Nas religiões afro-brasileiras podemos localizar vários tipos, conforme o aspecto que se esteja estudando ou a ênfase do estudo. Para evitar mal-entendidos e confusões, é preciso explicar exatamente o sentido que se quer dar ao termo que está sendo utilizado. Apesar dos aspectos pejorativos que prevalecem, sincretismo é um fenômeno que existe em todas as religiões, está presente na sociedade brasileira e deve ser analisado, quer gostemos ou não” (1995, p.91)

A partir deste raciocínio, o autor apresenta um agrupamento de sinônimos baseado no quadro de usos e sentidos de sincretismo que se constitui por três variantes, partindo de um caso zero, que abrangem os significados julgados por ele como principais para definição do conceito de sincretismo, a seguir:

- 0- separação, não sincretismo (hipotético)
- 1- Mistura, junção ou fusão
- 2- Paralelismo ou justaposição
- 3- Convergência ou adaptação

É possível perceber neste agrupamento as regularidades reconhecidas por Ferretti em todas as manifestações sincréticas com maior ou menor predominância. Mais uma vez, relacionamos à formação de conceitos em Foucault (2008a) o modo como o conceito de sincretismo é construído por Ferretti. As formas de sucessão de enunciados são um conjunto de regras que dispõem em série enunciados, “um conjunto obrigatório de esquemas de dependências, de ordem e de sucessões em que se distribuem os elementos recorrentes que podem valer como conceitos” (idem, ibidem, p.63). A seguinte exemplificação de Ferretti quanto às possibilidades de ocorrência de sincretismo esclarecerá a relação que aqui propusemos:

Podemos dizer que existe *convergência* entre ideias africanas e de outras religiões, sobre a concepção de Deus ou sobre o conceito de reencarnação; que existe *paralelismo* nas relações entre orixás e santos católicos; que existe *mistura* na observação de certos rituais pelo povo-de-santo, como o batismo e a missa de sétimo dia, e que existe *separação* em rituais específicos de terreiros, como no tambor de choro ou axexê, no arrambam ou no lorogum, que são diferentes rituais de outras religiões. Nem todas estas dimensões ou sentidos de sincretismo estão sempre presentes, sendo necessário identificá-los em cada circunstância. Numa mesma casa e em diferentes momentos rituais, podemos encontrar separações, misturas, paralelismos e convergências. (idem, p.91)

Feita essa breve descrição da organização dos campos de enunciados nos quais o termo sincretismo circula como palavra e como conceito, reconhecemos que de fato não há uma estabilidade total na formação de conceitos e que estes também não são capazes de estabilizar totalmente uma formação discursiva. Compreendemos, portanto, que os conceitos estão em permanente transformação, configurados por elementos mutáveis, retomando, refutando, estabelecendo relações de continuidade e descontinuidade entre os enunciados que os atravessam (FOUCAULT, 2008a).

Considerações finais

Em cada uma das fases de estudo aqui abordadas, foi possível perceber como a palavra sincretismo preenche-se de diferentes funções ideológicas na formação discursiva na qual está inscrita, a da antropologia da religião. A multiplicidade de significações apresentadas por Ferretti e por nós retomadas é o indicador de que os enunciados que circulam nessa formação discursiva proporcionam as diversas possibilidades de organização de enunciados que formam o conceito de sincretismo na obra *Repensando o sincretismo* (1995). Como propõe Fairclough, “uma formação discursiva não define um conjunto unitário de conceitos estáveis com relações bem definidas entre si. Ao contrário, o quadro é de configurações mutáveis de conceitos em transformação” (2001, p.71).

A proposta de Ferretti em repensar o sincretismo reflete o seu posicionamento teórico de entender o sincretismo como fenômeno inerente a qualquer manifestação religiosa (idem, 1995). Nosso intuito de estabelecer um diálogo entre a teoria antropológica na obra de Ferretti e as categorias da Análise do Discurso era deslocar a discussão do fenômeno

[...] para o nível do próprio discurso, que não é mais tradução exterior, mas lugar de emergência dos conceitos; não associamos as constantes do discurso às estruturas ideais do conceito, mas descrevemos a rede conceitual a partir das regularidades intrínsecas do discurso; não submetemos a multiplicidade das enunciações à coerência dos conceitos, nem esta ao recolhimento silencioso de uma idealidade metaistórica; estabelecemos a série inversa: recolocamos as intenções livres de não-contradição em um emaranhado de compatibilidade e incompatibilidade conceituais; e relacionamos esse emaranhado com as regras que caracterizam uma prática discursiva. (idem, 2008a, p.68)

Ao descrevermos a organização dos campos de enunciados nos quais o termo sincretismo circula e apreendermos as regularidades da sua significação, reconhecemos que de fato não há uma estabilidade total na formação de conceitos. Reconhecemos também que os conceitos, por sua vez, não são capazes de estabilizar totalmente uma formação discursiva, uma vez que esta “não define um conjunto unitário de conceitos estáveis com relações bem definidas entre si” (FAIRCLOUGH, 2001, p.71).

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

COSTA, A. F. A crítica do documento de Michel Foucault: apontamentos sobre modalização empírica. In. *Análise do discurso: teorizações e métodos*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERRETTI, F. S. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995)

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. *A ordem do discurso*. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008b.

HERSKOVITS, M. *Antropologia cultural*. São Paulo: MestreJou, 1973.